

OS CÍRCULOS DE CONSTRUÇÃO DE PAZ COMO UMA FERRAMENTA POSSÍVEL NA CONSTRUÇÃO DE UMA COMUNIDADE ACADÊMICA RESTAURATIVA

PEACE BUILDING CIRCLES AS A POSSIBLE TOOL IN THE CONSTRUCTION OF A RESTAURANT ACADEMIC COMMUNITY

Juarez Fernandes Junior¹
Leticia Blank Netto²
Isabel Cristina Martins Silva³

RESUMO

Considerando o contexto social atual, a utilização de práticas restaurativas como meios de interação diferenciada, bem como meio alternativo para a resolução de conflitos, tem se demonstrado cada vez mais frequente e usual. A Justiça Retributiva é visualizada como falha e obsoleta, voltando atenção muito mais a punição e responsabilização de pessoas, do que com as motivações e respectivas soluções para os desafios encontrados. A abertura e segurança que a Justiça Restaurativa oferece para o emprego do diálogo, tem proporcionado para atores de determinados conflitos meios eficazes para o desenrolar dos mais variados problemas. O presente trabalho foi desenvolvido em torno da área de concentração “Cidadania, Políticas Públicas e Diálogo entre Culturas Jurídicas”, abrangendo a linha de pesquisa “Constitucionalismo e Concretização de Direitos”, buscando, neste momento, voltar os olhares para meios de buscar justiça com mais empatia e participação para tornar o meio social e jurídico mais sustentável, através da apresentação de atividade de extensão realizada no Centro de Mediação e Práticas Restaurativas (CEMPRE) da Faculdade de Direito de Santa Maria.

Palavras-chave: Autocuidado. Círculo de Construção de Paz. Justiça restaurativa. Respeito.

¹ Autor. Advogado. Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito de Santa Maria (FADISMA). Mediador e Facilitador do Centro de Mediação e Práticas Restaurativas (CEMPRE). Membro do Grupo de Propriedade Intelectual na Contemporaneidade (GPPIC). Mestrando em Direito pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Pós-Graduando em Justiça Restaurativa e Mediação de Conflitos no Âmbito Público e Privado (FADISMA). Estudante do Programa de Formação de Professores para Educação Profissional Superior (UFSM). Endereço Eletrônico: Juarez@fernandesjr.com.

² Autora. Acadêmica do 8º semestre do curso de Direito da Faculdade de Direito de Santa Maria (FADISMA). Mediadora e Facilitadora no Centro de Mediação e Práticas Restaurativas (CEMPRE). Membro do grupo de pesquisa, ensino e extensão Poder, Controle e Dano Social, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Endereço Eletrônico: leticiablank@hotmail.com.

³ Orientadora. Graduada em Direito pela Faculdade Metodista de Santa Maria (FAMES). Especialista em Direito pela Fundação Escola Superior do Ministério Público (FMP). Docente da Faculdade de Direito de Santa Maria (FADISMA). Coordenadora do curso de Pós-Graduação em Justiça Restaurativa e Mediação no Âmbito Público e Privado (FADISMA). Mestranda em Ciências Jurídicas pela Universidade Autónoma de Lisboa. Endereço Eletrônico: cris.praticasrestaurativas@gmail.com.

ABSTRACT

Considering the current social context, the use of restorative practices as a means of differentiated interaction, as well as an alternative means of conflict resolution, has been shown to be more frequent and more frequent. Retributive justice is viewed as a failure and obsolete, paying much more attention to the punishment and accountability of people than to the motivations and respective solutions to the challenges encountered. The openness and security that the Restorative Justice offers for the use of dialogue, has provided for actors of certain conflicts effective means for the development of the most varied problems. The present work was developed around the area of concentration "Citizenship, Public Policies and Dialogue among Legal Cultures", covering the research line "Constitutionalism and Implementation of Rights", seeking, at this moment, to look for ways to seek justice with more empathy and participation to make the social and legal environment more sustainable, through the presentation of extension activities held at the Center for Mediation and Restorative Practices (CEMPRE) of the Faculty of Law of Santa Maria.

Keywords: Self-care. Building Peace Circle. Restorative Justice. Respect.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A resolução de conflitos entre os indivíduos passou por um grande processo de evolução, começando, nos primórdios, a busca de justiça com as próprias mãos, através da autotutela. Nessa evolução, os relacionamentos interpessoais passaram a ganhar força e novos métodos de solução de conflitos ganharam espaço no meio judicial e extrajudicial. Em virtude disso, tendo como referência os povos indígenas norte-americanos, foi desenvolvida a resolução de conflitos em comunidade através dos Círculos de Construção de Paz, seguindo os ideais e valores da Justiça Restaurativa.

No decorrer do trabalho, como referencial teórico, podem-se observar os conceitos dos Círculos de Construção de Paz e Justiça Restaurativa e seus objetivos de proporcionar aos participantes um ambiente de empatia e respeito, onde a fala, sentimentos e anseios de todos os indivíduos são importantes para a receita final do caso em tela.

Posto isto, são demonstradas as atividades, metodologias e recursos dos Círculos de Construção de Paz desenvolvidos pelo CEMPRE (Centro de Mediação e Práticas Restaurativas) da Faculdade de Direito de Santa Maria, buscando envolver os acadêmicos de Direito e Ciências Contábeis da instituição, bem como os egressos, alunos do curso de pós-graduação em Justiça Restaurativa e Mediação e membros do

Ministério Público. Nos círculos realizados no mês de outubro e novembro de 2018, buscou-se trabalhar temas como autocuidado e respeito entre os indivíduos, em virtude do cenário global atual.

Em consequente, serão apresentados os resultados obtidos ao final das atividades de extensão realizadas no ano de 2018 pelo Centro de Mediação e Práticas Restaurativas, através de um questionário disponibilizado aos participantes e *feedbacks* emitidos pelos mesmos. O presente trabalho se insere na área de concentração “Cidadania, Políticas Públicas e Diálogos entre Culturas Jurídicas”, abrangendo a linha de pesquisa “Constitucionalismo e Concretização de Direitos”, vinculada a Faculdade de Direito de Santa Maria, mostrando, assim, os Círculos de Construção de Paz como uma ferramenta na busca pela comunidade acadêmica restaurativa.

2 CÍRCULOS DE CONSTRUÇÃO DE PAZ: RELAÇÕES EMPÁTICAS E HUMANITARIAS

O conflito é inerente ao ser humano. Em uma análise preliminar, o termo “conflito” pode gerar desconforto pela sua errônea associação imediata como um símbolo de violência. Apesar de uma percepção equivocada, ela se deve a matéria meramente cultural, pois nos primórdios da humanidade muitos conflitos eram solucionados através da autotutela, ou seja, a busca da justiça pelas próprias mãos. Essa premissa confirma-se através de uma rápida busca do conceito de “conflito” no dicionário, conceituado como “falta de entendimento grave ou oposição violenta entre duas partes” ou até “encontro violento entre dois ou mais corpos” (MICHAELIS, 2015).

A matéria cultural de associação de conflito e violência passa a ser transformada com a evolução das relações interpessoais através do diálogo. Através disso, novas formas de resolução de conflitos são incorporadas em nosso meio, trazendo o respeito e a humanidade para as relações cotidianas. Os ancestrais se reuniam em volta do fogo em seus rituais, bem como as famílias se reúnem há séculos em volta da mesa para a realização das refeições. Atualmente, o meio comunitário busca desenvolver a resolução de conflitos através de círculos, para assim, estabelecer e compreender o apoio e a criação de vínculos mútuos (PRANIS, 2010, p. 15).

Uma nova forma de congregar as pessoas, chegar ao entendimento mútuo, fortalecer relacionamentos e resolver problemas grupais está florescendo nas comunidades do Ocidente. Mas essa nova metodologia é muito antiga. Ela se inspira, por exemplo, na antiga tradição dos índios norte-americanos de usar um objeto chamado bastão de fala, que passa de pessoa para pessoa dentro do grupo, e que confere a seu detentor o direito de falar enquanto os outros ouvem. Essa antiga tradição se mescla aos conceitos contemporâneos de democracia e inclusão, próprios de uma complexa sociedade multicultural (PRANIS, 2010, p. 15).

Nos Estados Unidos, os Círculos de Construção de Paz foram implementados na justiça criminal do estado de Minnesota. Nesse caso, foi introduzido os princípios da Justiça Restaurativa, que busca a restauração de todos os integrantes afetados na prática de um delito, mas, especialmente, os danos causados a vítima, que é a parte mais frágil do conflito (ZEHR, 2012). Apesar de terem surgido em um contexto criminal, os voluntários que desenvolviam os círculos restaurativos em Minnesota prontamente verificaram a possibilidade de implementação e a utilidade da prática em outros meios, levando-os para escolas, locais de trabalho, famílias e associações. Posto isto, os círculos começaram a ser desenvolvidos no contexto comunitário, influenciando diretamente no desenvolvimento e engajamento pessoal dos envolvidos (PRANIS, 2010, p. 21-23).

Em suma, os Círculos de Construção de Paz proporcionam a reunião de pessoas em busca de que todos sejam respeitados, tendo igualdade em sua narrativa sem interrupções, bem como o acolhimento dos aspectos emocionais e espirituais de cada participante. A utilidade dos círculos se dá pelas necessidades dos indivíduos, sejam elas pela necessidade de tomar decisões conjuntas, tratar de experiências que resultaram em danos para outrem, desenvolvimento de trabalho em equipe, partilhar suas dificuldades ou até para aprender uns com os outros (PRANIS, 2010, p. 20-21).

Os círculos necessitam de cinco elementos estruturais que garantem a criação de um espaço onde os participantes possam se sentir seguros em compartilhar suas vivências, mesmo em situações que envolvam danos e dificuldades. Os instrumentos essenciais para a realização dos Círculos de Construção de Paz são as cerimônias, a peça centro, a discussão dos valores e diretrizes, o objeto da palavra e as perguntas norteadoras (WATSON, PRANIS, 2011, p. 37).

As cerimônias são realizadas com o início e o findar do círculo, sendo a cerimônia de abertura essencial para que os participantes entendam os objetivos do

círculo, para conseguirem se desprender do ritmo do dia a dia e para a celebração da presença de todos os indivíduos, bem como a cerimônia de fechamento se torna importante pois instiga o sentimento de esperança e pactua as lições absorvidas durante a atividade (PRANIS, 2010, p. 49-50). A peça centro surge como, segundo WATSON e PRANIS (2011, p. 38) “um ponto de foco que apoia o falar de coração e o escutar de coração”, sendo colocado, geralmente, por tecidos e esteiras, com objetos que transmitem os sentimentos de inclusão, respeito, igualdade e hospitalidade (WATSON, PRANIS, 2011, p. 38).

A composição da reunião de pessoas em círculo se dá em razão de que, desta forma, é possível que todos se enxerguem e criem uma conectividade entre as histórias compartilhadas durante a sua realização. Após essa composição, os indivíduos criam valores relevantes para que cada participante possa integrar o círculo e diretrizes para a condução e desenvolvimento da atividade (WATSON, PRANIS, 2011, p. 38).

Para a condução do diálogo, é utilizado o objeto da palavra, permitindo que cada participante possa se manifestar sem ser interrompido, dando oportunidade de igualdade na fala e “carrega um pressuposto implícito de que cada participante tem algo importante a oferecer ao grupo” (WATSON, PRANIS, 2011, p. 39). O objeto da palavra, essencialmente, cria um fio de conexão entre os participantes da atividade, onde todos podem manifestar seus anseios e vontades ou apenas passar o objeto sem pronunciar-se, em razão da atividade ser realizada de maneira voluntária. Por fim, as perguntas norteadoras estimulam o diálogo a cada rodada da atividade a respeito do objetivo principal do círculo (WATSON, PRANIS, 2011, p. 39-40).

Torna-se importante destacar o papel do facilitador do círculo, que se mantém presente durante a realização da atividade como um apoio aos participantes, ajudando a identificar os valores e diretrizes e ao uso correto do objeto da palavra, bem como estimula as reflexões do grupo através das perguntas norteadoras.

O facilitador não controla os assuntos levantados pelo grupo, nem tenta levar o grupo para um determinado resultado. O papel do facilitador é iniciar um espaço que seja respeitoso e seguro e engajar os participantes a compartilhar a responsabilidade pelo espaço e pelo seu trabalho compartilhado. O facilitador está em uma relação de cuidado do bem-estar de cada membro do círculo. Os facilitadores fazem isso como um participante igual a todos no círculo e não de um lugar à parte do círculo. O facilitador organiza a logística do círculo, atento para as necessidades e interesses de todos os participantes (WATSON, PRANIS, 2011, p. 41).

Na realização dos Círculos de Construção de Paz, os participantes compartilham suas experiências pessoais, pois nelas há um envolvimento mental e emocional, proporcionando uma melhor recepção e criação de afinidades e pontos em comum entre os participantes da atividade. A experiência vivida torna-se mais valiosa do que conselhos, pois são partilhadas experiências de alegria e dor, bem como de força e vulnerabilidade, para que, assim, seja possível compreender a situação apresentada como tema central do círculo (PRANIS, 2010, p. 28-56).

A metodologia dos Círculos de Construção de Paz muito se assemelha ao Círculo de Cultura de Paulo Freire, onde se busca a re-elaboração do mundo através do diálogo e os indivíduos participam expondo seus sentimentos e opiniões sobre si, sobre os outros e sobre o mundo. Nesse caso, o aprendizado é realizado pela reciprocidade das consciências, dispensando o uso de professor, tendo, assim, um coordenador que facilita as dinâmicas entre os participantes (FREIRE, 2004).

Esse coordenador, pode também ser chamado de facilitador, pois visa facilitar a conversa entre as partes, tornando seguro e acolhedor o ambiente escolhido para a busca da solução do problema em questão (AGUIAR, 2001). Ao facilitador impõem-se grande responsabilidade, qual seja a de guiar a condução da prática restaurativa, independentemente de qual seja, ciente das nuances que podem alcançar. A realização de círculos restaurativos que visem restabelecer laços enfraquecidos por determinado conflito pode alcançar sentimentos que flutuam entre ódio, raiva, ressentimento, mágoa, medo e desconfiança, até o amor, compaixão, perdão, coragem e determinação (AGUIAR, 2001, p. 116).

Vale ressaltar que o facilitador (ou coordenador) coloca-se o mais próximo possível da imparcialidade enquanto se conduz determinada atividade restaurativa, muito embora se saiba o quão desafiador a presente proposta pode apresentar. As perguntas norteadoras deverão atender certo grau de questionamento, no sentido de instigar as partes a falar e desabafar. Aí está o grande risco de oscilações de sentimentos, visto que tocar no problema em pauta significa reabrir a ferida, que naturalmente trará certa dor, mas que ao final poderá ser curada de forma efetiva e duradoura (AGUIAR, 2001, p. 117).

Podemos entender a Justiça Restaurativa como uma reformulação de nossa concepção das pessoas sobre a situação conflituosa para que haja a humanização de todos os envolvidos, possibilitando a identificação das necessidades geradas pelo conflito/crime e a consequente responsabilização de todos os afetados, direta ou indiretamente, para que, de uma forma ou de outra, se comprometam e contribuam para sua resolução (AGUIAR, 2001, p. 109).

Pode-se compreender, portanto, que a Justiça Restaurativa surge na contemporaneidade como um norteador para a pacificação social, transformando os próprios autores e repetidores de violência em multiplicadores de ações restaurativas (AGUIAR, 2001). A multiplicação de agentes está ligada a formação de uma rede, onde há a interconexão de responsabilidades assumidas e proposições de soluções, que visam prioritariamente a solução de determinado conflito, excluindo pontos tidos como relevantes para a Justiça Retributiva.

A Justiça Restaurativa parte do seguinte pressuposto: o crime ou o ato de violência causa dano às pessoas e aos relacionamentos. Portanto entende-se que não só a vítima e o transgressor são afetados, como também toda a comunidade. O enfoque é dado às necessidades que surgem a partir do ato. Substitui-se a pergunta “quem cometeu o ato criminoso?” por “quais as necessidades que surgiram a partir deste ato?” (AGUIAR, 2001, p. 110).

O agente restaurativo detém o objetivo de quebrar o ciclo de violência, que inicia quando menos se espera, e pode tomar proporções inimagináveis. Para tanto, o uso das perguntas norteadoras demonstram-se basilares para alcançar a pacificação (AGUIAR, 2001).

Vias alternativas são buscadas em face de que a sociedade anseia por resultados diferentes. A incompreensão consigo e com terceiros, bem como a inquietação, aliado ao medo, raiva e dor, acaba por cegar quem mais precisa de ajuda. Toda inquietação produzida internamente alimenta o conflito social, unicamente porque seus agentes não compreendem e controlam suas próprias emoções (CAPPELLARI, 2012).

É de pleno entendimento dos especialistas, estudiosos das emoções, que a maioria dos indivíduos é “analfabeta emocional”, e para sair desse estado de desconhecimento será preciso aprender, por exemplo, o que faz surgir o medo e a raiva em nós; como podemos lidar com as emoções destrutivas e agir com empatia; como expressar a raiva sem ofender; como usar as palavras de forma a esclarecer e a não perturbar; como agir sem violência e evitar ser reativo, mesmo diante de um tratamento agressivo; e como reconhecer em nós e nas outras pessoas as necessidades, as emoções e os sentimentos. O Girafês visa dar caminho para encontrar essas respostas (CAPPELLARI, 2012, p. 10).

Considerando que comunicar-se, ou não, não é uma opção, visto que o ato de não se comunicar por si só já se sobrepõe a uma comunicação, pois informa seu desejo de incomunicabilidade, é preciso voltar os olhares para a comunicação assertiva e eficaz (CAPPELLARI, 2012). A comunicação não verbal tem um peso considerável na interação pessoal, e estudos indicam que a ela representa 93% (expressão corporal, facial, tom de voz, etc), e que a palavra, apenas 7% (CAPPELLARI, 2012, p. 13).

A comunicação interpessoal falha é um fato determinante para a progressão dos conflitos entre as pessoas, por isso que práticas restaurativas surgem no contexto atual como um meio eficaz e célere para atender demandas de qualquer tipo. No âmbito educacional, é sabido que todos os esforços visam a melhor transmissão de conhecimento para o corpo discente, e muitas vezes o sucesso alcançado com um, não compreende o mesmo sucesso com outro aluno.

A singularidade das pessoas, em especial crianças e adolescente, torna o trabalho do educador muito mais desafiador, e é nesse contexto que práticas restaurativas, como processos circulares, podem auxiliar na interação e melhora no aproveitamento dos discentes. (PISTOIA, SILVA, 2017).

Nesse sentido, acredita-se que as práticas restaurativas possam ser de grande valia nessa tarefa tornando-se uma metodologia inovadora e eficaz no tratamento de questões cujo resultado precisa ser a restauração das relações entre os envolvidos (PISTOIA, SILVA, 2017, p. 50-51).

A busca pela resolução efetiva de conflitos, em qualquer lugar onde estiver instalado, mas especialmente em posição frente aluno, dependerá da abordagem escolhida pelo agente pacificador, pois a abordagem determinará o rumo do diálogo e o tratamento entre todos (PISTOIA, SILVA, 2017).

É necessário compreender que para alcançar a pacificação de determinado conflito, é necessário afastar a agressividade, por mais agressivas que as partes se encontrem, da mesma forma que não se pode buscar culpados, mas apenas trazer a compreensão que será necessário colher o comprometimento dos atores do conflito, no sentido de proporcionar que as pessoas ao invés de assumir a culpa, assumam responsabilidades (PISTOIA, SILVA, 2017).

3 O ENGAJAMENTO DO CENTRO DE MEDIAÇÃO E PRÁTICAS RESTAURATIVAS (CEMPRE) EM BUSCA DE UMA COMUNIDADE ACADÊMICA RESTAURATIVA

O CEMPRE (Centro de Mediação e Práticas Restaurativas), localizado no Núcleo de Prática Profissional e Empreendedorismo da Faculdade de Direito de Santa Maria, desde sua instauração, em 2014, vem enaltecendo os métodos adequados de resolução de conflitos, na busca de uma sociedade colaborativa, sendo eles por meio da Mediação ou Justiça Restaurativa no âmbito extrajudicial.

Desse modo, o CEMPRE possui como objetivo estimular a autonomia dos indivíduos para que possam encontrar a melhor solução para os conflitos com base no diálogo, respeito e na cultura da paz. Partindo dos ensinamentos de Howard Zehr de que se devem internalizar os princípios da Justiça Restaurativa como uma bússola que orienta na direção do diálogo e experimentações, o CEMPRE acredita que a promoção dessa cultura da paz deve partir da autoconscientização das relações do indivíduo com a comunidade e consigo mesmo.

Tendo em vista que o ambiente universitário pode ser de intensa sobrecarga, o CEMPRE construiu uma proposta de trabalho responsável por uma mudança de cultura nos relacionamentos e na forma de falar e ouvir. O objetivo desse trabalho consiste na conexão e desenvolvimento da educação emocional dos acadêmicos da Faculdade de Direito de Santa Maria com a promoção de valores como autocuidado, autoestima e respeito.

Em virtude disso, foram realizadas atividades no mês de outubro de 2018 (datadas em 01/10/2018 e 03/10/2018) e novembro de 2018 (datas em 12/11/2018 e 14/11/2018), propondo a promoção de relacionamentos saudáveis no âmbito acadêmico através de Círculos de Construção de Paz de Autocuidado e Círculos de Construção de Paz de Respeito, respectivamente. Dessa forma, foi estimulada a criação de vínculos e fortalecimento da comunidade acadêmica em prol de um objetivo comum: o bem-estar de todos.

As atividades do Círculo de Construção de Paz de Autocuidado, realizadas no início do mês de outubro de 2018, foram desenvolvidas em razão do mês de setembro ser simbólico no aspecto de valorização da vida, em virtude da campanha do Setembro

Amarelo. Cabe registrar que o CEMPRE contou com a participação de 15 membros da comunidade acadêmica, sendo esses dos cursos de graduação de Direito e Ciências Contábeis e egressos, bem como da Pós-Graduação em Justiça Restaurativa e Mediação, também da instituição.

O Círculo foi promovido com base no Círculo de Autocuidado da escritora Kay Pranis, com o objetivo de encorajar o autocuidado em todas as dimensões. A atividade foi iniciada com uma meditação guiada, com o objetivo dos participantes se concentrarem para focar-se no momento presente. Posteriormente, foi lhes apresentado o objeto da palavra com o intuito de ressaltar a importância do respeito entre todos, a importância da escuta ativa e do momento da fala de cada um.

Após os momentos iniciais, foi realizada a rodada de apresentação/*check-in*, onde os participantes se apresentaram e compartilharam sentimentos como o amor, paciência, empatia, compreensão, autoconhecimento, paz, reflexão, e esperança em ambos os círculos realizados. Logo após as apresentações e pactuações, foi encaminhada a atividade principal.

A atividade principal foi desenvolvida através da atividade denominada roda da medicina, tendo como objetivo a promoção do autocuidado no âmbito físico, mental, emocional e espiritual. Em um primeiro momento os participantes desenharam um círculo grande em uma folha de papel e o dividiram em quatro partes iguais – sendo assim, quatro quadrantes – e identificaram cada seção como “mental”, “física”, “emocional” e “espiritual”. Posteriormente, os participantes escreveram em cada seção o que eles faziam para cuidar de si mesmos em cada dimensão de suas vidas. Após, foram convidados a pensar se eles gostariam de realizar o autocuidado com mais atenção em alguma dessas seções. Depois, foi incentivado a criarem um objetivo para a realização do autocuidado com mais efetividade, escrevendo ele no respectivo quadrante.

Após a identificação desta primeira parte da atividade, o objeto da palavra foi passado e os facilitadores convidaram os participantes a compartilharem suas reações ao processo de avaliação de seu autocuidado, seus *insights* e objetivos. Depois dessa primeira rodada, os facilitadores novamente passaram o objeto da palavra e questionaram aos participantes “Qual é o maior desafio para você cuidar de si mesmo?”

e, em outra rodada “O que você aprendeu neste círculo que você pode usar em sua vida?”.

Com o fechamento da atividade principal, o grupo foi convidado a participar do *check-out*, onde cada participante deveria realizar uma afirmação positiva sobre si mesmo. Ao final da atividade, o principal papel do facilitador foi o de encorajar os participantes a fazer afirmações sobre os âmbitos físico, mental, emocional e espiritual, encorajando o autocuidado e o empoderamento dos mesmos.

As atividades realizadas no mês de novembro de 2018, compreendidas nos dias 12 e 14, foram realizadas em virtude do contexto político e eleitoral, sendo promovido o Círculo de Respeito da escritora Kay Pranis, com o objetivo de explorar o valor do respeito de maneira mais profunda. Inicialmente, o círculo contou com as boas vindas aos participantes. Logo após, foi lhes apresentado o objeto da palavra com o intuito de ressaltar a importância do respeito entre todos, a importância da escuta ativa e do momento da fala de cada um. Foram apresentadas diretrizes para a realização do círculo, sendo elas o respeito ao objeto da fala, confidencialidade e a fala em primeira pessoa. Dessa forma, foi perguntado a todos se estavam de acordo e se tinham sugestões para o caso.

O primeiro dia de atividades do mês de novembro, realizada no dia 12 do referido mês, iniciou com a rodada de apresentação/*check-in*, tendo os participantes informando seus nomes, cidade onde nasceu e sua profissão. Após as apresentações e pactuações, foi iniciada a atividade principal, onde foi proposto aos participantes refletirem sobre uma pessoa a qual eles tenham grande respeito em especial, no que tange a sua história de vida. Após isso, foi passado o objeto da palavra para que todos pudessem compartilhar a pessoa escolhida e o motivo de ter um grande respeito pela mesma. Com o fechamento da atividade principal, os participantes foram convidados a participarem do *check-out*, sendo realizada uma atividade ao redor do círculo, simbolizando o conceito de união e reforçando a confidencialidade e gratidão pelo compartilhamento de ideias e sentimentos realizados na ocasião.

Na atividade realizada no dia 14 de novembro, inicialmente, como parte da abertura, foi utilizada a parábola do filho pródigo, para que os participantes pudessem realizar o exercício de conexão, respiração e reflexão. Logo após, foi realizada a

apresentação/*check-in*, tendo os participantes informado os seus nomes e, logo em seguida, foi solicitado que cada integrante escrevesse um valor que considerava relevante em uma folha em formato de coração. O próximo passo consistiu em desenvolver um acróstico com a palavra respeito, onde ao lado de cada letra deveria constar um sentimento vivido naquele momento. Com o fechamento da atividade principal, os participantes foram convidados a participarem do *check-out*, onde fora realizada a pergunta “Qual pessoa você considera um exemplo de respeito?”.

Por fim, merece ser registrado que na realização dos Círculos de Construção de Paz de Respeito, estiveram presentes 14 participantes, sendo eles acadêmicos de Direito da instituição, egressos e membros do Ministério Público do Rio Grande do Sul.

4 O AUTOCUIDADO E O RESPEITO COMO VALORES ESSENCIAIS DENTRO DA COMUNIDADE ACADÊMICA

Os Círculos de Construção de Paz apresentam um modo de reunião de pessoas para desenvolver e trabalhar conflitos e dificuldades. Os processos circulares são realizados para possibilitar que, através de valores e diretrizes, seja trabalhado o autocuidado, a preocupação com o próximo e com as questões que estão em pauta, onde, todos juntos, caminham em sentido de uma solução benéfica e consensual. O principal pressuposto potencializado na atividade do círculo é de que sempre se pode tirar algo positivo de toda e qualquer situação trazida para a discussão. Isso acontece, pois, através da troca de experiências e expectativas, é possível chegar mais perto de uma “imagem completa”, criando assim, uma sabedoria coletiva (PRANIS, 2010, p. 91-92).

A realização dos Círculos de Construção de Paz, através do CEMPRE, na Faculdade de Santa Maria, possibilitou um ganho positivo para todos os participantes, além do desenvolvimento e expectativas/esperanças para o futuro. Dele, participaram alunos da graduação de Direito e Ciências Contábeis, egressos, alunos de pós-graduação e membros do Ministério Público.

Em ambos os círculos, de autocuidado e respeito, houve muita emoção e intensidade de todos os participantes, trazendo conversas, ideias e reflexões, bem como foram compartilhadas histórias profundas e verdadeiras, o que possibilitou que todo o

processo fosse desenvolvido com valores e sentimentos como amor, paciência, empatia, compreensão, autoconhecimento, paz, reflexão e esperança. Foram compartilhados, ainda, em grupos na modalidade eletrônica depoimentos indicando a participação nos círculos, bem como o acolhimento dos facilitadores e o sentimento de cuidado e amparo ao fim da atividade. Ainda, um membro da comunidade acadêmica passou a utilizar e implementar os Círculos de Construção de Paz em sua comunidade.

Os participantes responderam um questionário para que fosse verificada a pertinência e interesse na continuidade de realização dos círculos. Nesse questionário, em suma, foram trazidos os pontos de que eles consideram a atividade satisfatória aos seus interesses, agregando valor à jornada acadêmica, além de terem interesse de participar novamente da atividade. Ainda no questionário, os participantes avaliaram que há um impacto positivo da atividade nas relações interpessoais, formação acadêmica e profissional, bem como avaliam como possível a aplicação imediata dos resultados da atividade em seu cotidiano.

Todos saíram do círculo com novas lições. Os Círculos de Construção de Paz criaram possibilidade de libertação e acolhimento para os envolvidos: a liberdade para expressar os seus sentimentos e as suas verdades e a possibilidade de deixar de lado as suas defesas, para assim, estar presente como um ser humano inteiro, conseguindo reconhecer seus erros e temores, passando a agir de uma forma mais humana e empática nas atividades cotidianas e relações interpessoais (PRANIS, 2010).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acaba por resultar da pesquisa realizada, que a Justiça Restaurativa, como meio alternativo ao meio tradicional, pode proporcionar resultados diferentes e mais eficazes para os mais diversos conflitos e situações do dia-a-dia.

O ambiente acadêmico, onde se deu a realização das atividades aqui apresentadas, compreende-se como um ambiente de grande pressão psicológica e emocional. As incertezas do futuro e rumos a seguir, acabam por tornar as universidades e faculdades espaços de grandes hostilidades. Por isso, o Centro de Mediação e Práticas Restaurativas buscou, utilizando das atividades descritas, aproximar e acolher o grupo

que se voluntariou, proporcionando espaço seguro e confortável para expressar angústias e frustrações, da mesma forma com que ouvir os devaneios de outros colegas.

O exercício da escuta mostra que todos podem estar passando por diversos desafios. E que os desafios podem ser tanto acadêmicos, como profissionais e pessoais. A escuta ativa acaba por demonstrar aos mais angustiados, que todas as pessoas enfrentam problemas, que na sua grande maioria se assemelham, e isso proporciona conforto tanto para quem fala, quanto para quem escuta.

Dentre os itens alocados ao centro dos círculos há lenços de papel, item considerado obrigatório para as atividades. Considerando a proceduralização utilizada, que acaba quebrando a dogmática acadêmica do aluno enfileirado, juntamente com o respeito ao objeto da palavra e o uso das perguntas norteadoras corretas, acaba por proporcionar aos participantes se emocionar, chorar, embargar a voz. Não faltaram oportunidades onde os integrantes se emocionaram ao falar, e ao ouvir. Emocionar-se faz parte do círculo de construção de paz, e isso possibilita concluir a atividade mais leve, e ao mesmo tempo mais forte para vencer as adversidades do ambiente acadêmico e pessoal.

Por isso, não resta outra percepção, que não, a de que a Justiça Restaurativa, utilizando de círculos de construção de paz, podem proporcionar experiências incríveis, tanto aos alunos, quanto para professores e facilitadores dos círculos. E a referida prática fortalece os corpos discentes e docentes, para poder seguir adiante nos desafios da vida de forma convicta e lúcida.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Carla. **Mediação e Justiça Restaurativa**. São Paulo: Quartier Latin, 2009.

CAPELLARI, Jefferson. **ABC do Girafês: Aprendendo a ser um comunicador emocional eficaz**. Curitiba: Multideia, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 38º Ed.. São Paulo: Editora Paz e Terra S/A, 2004.

MICHAELIS: **moderno dicionário de linha portuguesa**. São Paulo. Editora Melhoramentos, 2015.



PISTOIA, Cristiane. MATINS SILVA, Isabel. **Práticas Restaurativas: uma metodologia ao alcance do educador.** Porto Alegre: Ediplat, 2017.

PRANIS, Kay. **Processos circulares.** Tradução: Tônia Van Acker. São Paulo: Palas Athena, 2010.

PRANIS, Kay; WATSON, Carolyn Boyes. **No coração da esperança: guia de práticas circulares: o uso de círculos de construção da paz para desenvolver a inteligência emocional, promover a cura e construir relacionamentos saudáveis.** Tradução: Fátima de Bastiani. – Porto Alegre: Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul, Departamento de Artes Gráficas, 2011.

ZEHR, Howard. **Justiça restaurativa.** Tradução Tônia Van Acker. – São Paulo: Palas Athena, 2012.